

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**MARIA CLARA VERISSIMO
ORIENTADOR: PROF. DR. FERNANDO TORRES LONDOÑO**

**Trabalho De Conclusão De Curso:
Das Paneleiras À Vargem Do Tanque: Um Diálogo Entre Cerâmica, Identidade E
Memória**

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer tantas pessoas que tornaram este trabalho e este momento possíveis. Foram tantos momentos especiais ao longo desta graduação e da produção deste trabalho. Começo então agradecendo a minha querida família, meus pais José e Maria Luiza, meus irmãos Pedro e Marco e as minhas cunhadas Carol e Nathalia, obrigada por tudo que vocês representam para mim. Um agradecimento especial a minha mãe, de quem herdei o meu amor e admiração pelas atividades artesanais. Agradeço também ao meu namorado Eurico pela parceria, por todas as ajudas e palavras de apoio ao longo destes quatro anos, e por ser a melhor companhia que eu poderia ter nesses anos.

Agradeço a minhas amigas de longa data Ana Beatriz, Gabriela e Carol, aos meus amigos de estágio Pedro e Ricardo e a todos os meus amigos de faculdade, companheiros das alegrias e dos desafios dessa caminhada, em especial a minhas parceiras desde a primeira semana de curso Carol Almeida, Jaine Fernanda e Carol Mazzio, agradeço muito por ter a oportunidade de ter cada um de vocês ao meu lado.

Aos professores Álvaro Allegrette e Ana Hutz obrigada por terem sido um ombro amigo e pelos conselhos desde o início, e ao professor Alberto Schneider por toda ajuda, tão fundamental na confecção deste artigo. Agradeço muito a minha professora de cerâmica Rita Martani por compartilhar comigo seus conhecimentos e por ter me acompanhado em cada etapa, sempre me motivando.

Agradeço profundamente ao meu orientador, professor Fernando Londoño, essa pessoa incrível e professor excelente, que aceitou embarcar comigo neste trabalho e sempre teve a palavra certa no momento certo, e que me apoiou tanto nesta orientação e ao longo de toda graduação.

Por fim, agradeço aos que tornaram essa pesquisa possível, que me receberam em suas casas e compartilharam comigo suas histórias, sempre acompanhadas de um café. Agradeço a Marcieli Natali, Gilda, Laila, Dalva, Maria Aparecida, Aniely, Marcela, Bruna, Liliam, Eugênia, Lúcia, Lenice, Marli, Messias e Benedita por confiarem em mim e neste trabalho a feliz tarefa de compartilhar a história da Cerâmica Vargem do Tanque.

RESUMO

Este artigo busca narrar a trajetória da Cerâmica Vargem do Tanque, em seu início como projeto coordenado pelo Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha (ICCC) em conjunto com a empresa Suzano Papéis e Celulose, pautado em um projeto de resgate histórico-cultural das antigas paneleiras de Cunha e seus saberes específicos; e atualmente como grupo autônomo, organizado enquanto coletivo artístico e produtor de novos conhecimentos e de uma nova identidade social.

Palavras-chave: Cerâmica. Cunha. Paneleiras. Cerâmica De Baixa Temperatura. Cerâmica Primitiva. Cultura Popular. Saberes Comunitários.

ABSTRACT

This article intends to narrate the trajectory of Cerâmica Vargem do Tanque. In its beginnings as a project coordinated by the Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha (ICCC) along with the company Suzano Papéis e Celulose, based on a project of historical and cultural rescue of the old potters from Cunha and their specific skills; and currently as an autonomous group, organized as an artist's collective and producer of new knowledges and new social identity.

Keywords: ceramics, Cunha, pottery, low-temperature ceramics, primitive ceramics, popular culture, community knowledge

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. A região de Cunha	6
3. Cunha e a cerâmica	8
4. Metodologia	12
5. Projeto Vargem do Tanque	13
5.1 História do Projeto:	13
5.2 A Cerâmica Vargem do Tanque	18
5.3 Argila	18
5.4 Modelagem	21
5.5 Queima	21
5.6 A Comunidade	24
5.7 Desdobramentos	25
6. Considerações finais	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE	29

1. Introdução

No final de 2020, quando já vivíamos uma realidade bem diferente por conta da pandemia, resolvi me aventurar pelo mundo da cerâmica. Depois de alguns meses de aula e de muito entusiasmo com aquele novo mundo que eu descobria tive a oportunidade de conhecer a cidade de Cunha. E foi assim que eu conheci a ceramista Nilvanda Rodrigues, que me contou um pouco sobre o universo cerâmico de Cunha, e de um projeto que ela havia participado e, que buscava fazer um resgate da cultura das antigas panelleiras de Cunha por meio da produção de cerâmicas rústicas, e então eu soube do grupo Cerâmica Vargem do Tanque.

Um ano depois daquela conversa no ateliê da Nilvanda Rodrigues, retornei a Cunha, dessa vez para conhecer os integrantes do coletivo-artístico, e ouvir atentamente tudo sobre a arte das antigas panelleiras e as vivências de cada um dentro do universo da cerâmica. Portanto, este trabalho busca reconstruir a trajetória do grupo Cerâmica Vargem do Tanque, primeiro enquanto projeto de resgate cultural do ofício das antigas panelleiras de Cunha, desenvolvido pelo Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha (ICCC), importante polo de fomento à atividade cerâmica na cidade, em parceria com a empresa Suzano Papéis e Celulose. E num segundo momento como coletivo-artístico denominado Cerâmica Vargem do Tanque, que atua desde 2019 de forma autônoma, produzindo cerâmica primitiva de baixa temperatura.

Para alcançar de fato a história do coletivo enquanto um dos ramos da cerâmica em Cunha, retomei de maneira breve a história da formação da cidade, ressaltando algumas características históricas e geográficas importantes, que me deram base para descrever a importância da cerâmica para o desenvolvimento econômico e identitário da região cunhense, que recebeu o título de Capital Nacional da Cerâmica de Alta Temperatura, sancionado pela lei a Lei 14.343¹ em junho de 2022.

O trabalho busca além de reconstituir a trajetória do grupo, enfatizar como o trabalho desenvolvido ao longo dos seus cinco anos de existência permitiu resgatar um elemento importante para a história de Cunha: o ofício das antigas panelleiras, e

¹ Fonte: Agência Senado (<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/02/cunha-em-sao-paulo-passa-a-ser-a-capital-nacional-da-ceramica-de-alta-temperatura>), acessado em 20/09/2022

como este elemento serviu de base para a criação de uma identidade compartilhada pelos integrantes do coletivo-artístico.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: a Seção 2 traz um levantamento geral sobre a região de Cunha, em termos de características geográficas e demográficas, complementadas na Seção 3, onde o início da história da cerâmica em Cunha é apresentado. A Seção 4 apresenta a metodologia empregada e a Seção 5, dividida em sete subseções, detalha os resultados do trabalho. Finalmente, as conclusões e sugestões de trabalhos futuros são apresentadas na Seção 6, seguida pelo Apêndice formado pelas imagens das peças de cada ceramista colaborador.

2. A região de Cunha

Cunha é uma cidade localizada no interior do estado de São Paulo, mais precisamente na região do alto Paraíba. Localiza-se entre as serras da Quebra-Cangalha, da Bocaina e do Mar, com a predominância de colinas e montanhas em seu relevo, facilmente percebido por quem resolve se aventurar pela cidade, seja a pé ou de carro. Faz fronteira com Ubatuba, São Luiz do Paraitinga, Lagoinha, Guaratinguetá, Lorena, Silveiras, Areias, São José do Barreiro, localizadas em São Paulo e Angra dos Reis e Paraty no estado do Rio de Janeiro. Ao subir a Pedra da Macela, um de seus principais pontos de ecoturismo e o ponto de maior altitude da cidade, a visão a partir de seus 1.840m altitude, em dias limpos, proporciona uma vista panorâmica da cidade de Paraty, da baía da Ilha Grande e de parte de Angra dos Reis, além da região serrana que circunda Cunha.



Figura 1 - Mapa do Estado de São Paulo, com destaque para a região do Vale do Paraíba e Cunha por SILVA, 2015 (p.20)

O município possui cerca de 21.866 habitantes, de acordo com o censo realizado em 2010 pelo IBGE, dos quais 9.699 vivem na zona rural de Cunha, onde são produzidas as principais fontes de renda do município, com a pecuária leiteira e de corte, a cultura do milho, feijão, batata, produção do pinhão (que possui inclusive um festival próprio celebrado entre os dias 21 de abril e 8 de maio, conhecido como Festival do Pinhão), além disto, há a produção de cogumelos Shiitake e peixe (trutas). A outra parcela que movimenta a economia da cidade pertence ao setor de turismo, com as produções artesanais locais e, sobretudo a produção cerâmica.

A estância climática de Cunha, como existe hoje, foi fundada em outubro de 1948, entretanto a história da região data do início do século XVIII, na região conhecida como Facão.

A região do Facão era percorrida por paulistas e paratienses, que utilizavam as trilhas construídas pelos indígenas guaianases para chegar ao Vale do Paraíba, região relevante para o comércio local. O trânsito pela região tornou-se mais intenso devido à descoberta de ouro na região das minas gerais, sendo um ponto de passagem obrigatória para quem vinha do litoral, e um local de descanso e reabastecimento das tropas de ouro coloniais. (WILLENS, 1947)

Após o período de tráfego intenso gerado pelo ouro, a região foi procurada devido ao seu solo fértil e o clima temperado da região, fatores propícios para a agricultura.

A fundação da região do Facão se deu com a construção da capela de Jesus, Maria e José da Boa Vista em 1724, seguida da inauguração da capela de Nossa Senhora da Conceição do Falcão em 1731 nas terras pertencentes ao Capitão José Gomes de Gouveia. Esta última capela tornou-se, por volta de 1748, a sede da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Facão, vinculada à Vila de Guaratinguetá.

Foi então elevada à condição de vila em 1785, tendo seu nome alterado para Nossa Senhora da Conceição de Cunha e adquirindo assim, sua emancipação da Vila de Guaratinguetá.

Tornou-se cidade em meados do século XIX, alcançando o status de comarca ao final do mesmo século. Finalmente, conforme já mencionado, em 1948 é criada a Estância Climática de Cunha. (VELOSO, 2017)

3. Cunha e a cerâmica

A cidade de Cunha desde seus primórdios possui uma estreita relação com a produção cerâmica. Por volta do século XVIII, o escoamento da produção de ouro em Minas Gerais para os portos do Rio de Janeiro tornou Cunha até meados do século XVIII como caminho obrigatório para os viajantes. (SILVA, 2011)

Desta forma, fomentou a produção cerâmica das paneleiras, mulheres influenciadas por saberes indígenas, que produziam peças utilitárias de cerâmica rústica. Estima-se que as técnicas de modelagem e estilização utilizadas em suas peças, além de remeterem a saberes dos povos originários, possam ter sido influenciadas por técnicas europeias, uma vez que Cunha servia como passagem de viajantes, trazendo assim o conhecimento de diferentes técnicas a estas mulheres. As peças utilitárias eram feitas a partir da modelagem manual e com o auxílio de materiais improvisados que desempenhavam sua função com bastante eficácia. As colorações das peças que produziam (moringas, potes e panelas) eram feitas a partir de pigmentos naturais como o tauá e a tabatinga (MORAIS, 2016). Para as queimas eram utilizados, sobretudo os fornos de barranco, abertos na terra de seus próprios sítios, compostos de dois espaços bem delimitados: um para as peças, onde estas eram colocadas por cima de cacos de cerâmica, e outro abaixo onde era colocada a lenha como combustível (SILVA, 2011).

Além da feitura de peças para o uso cotidiano, as paneleiras realizavam trocas com os vizinhos da comunidade de peças e outros itens necessários para a subsistência, havia também a produção de peças destinadas à venda em festas comemorativas locais, além de vendas feitas por intermédio de mercadores que compravam as peças diretamente das produtoras e as revendiam em cidades vizinhas, de modo que as peças fossem parar em cidades vizinhas como Paraty.

“Segundo o historiador José Veloso, até meados do século 20 existia próximo de uma centena de paneleiras atuantes em Cunha. No entanto, quando o grupo do Antigo Matadouro chegou à cidade em 1975, o trabalho das paneleiras já se encontrava em vias de extinção, restando apenas duas em atividade: Annúncia Santos, conhecida como Dona Núncia, falecida em 1992, e Benedita Olímpia, mais conhecida como Dona Dita, que faleceu em 2011.” (MORAIS, 2016, p. 20)

A importância da produção das paneleiras na produção cerâmica de Cunha é fundamental para o desenvolvimento da identidade do Projeto da Cerâmica Vargem

do Tanque, e para a construção de Cunha como um polo de referência para a cerâmica nacional, com um histórico desta atividade que vem sendo desempenhada ao longo do tempo por diferentes agentes sociais.

O antropólogo Emílio Willens em seu trabalho de campo realizado em Cunha acerca da cultura caipira paulista, destacou a atuação destas mulheres que confeccionavam utensílios de barro, descrevendo uma destas produções:

“O barro é socado, peneirado e depois amassado numa gamela. Com a mão, a panela separa a quantidade de massa necessária para a fabricação do pote, põe-na numa tábua e dá-lhe, com as mãos, a forma de uma bola. A seguir usa o dedo e depois o punho cerrado para produzir o vão proporcional ao volume do barro. A fase seguinte consiste em afinar as paredes e tirar as sobras de barro com auxílio de uma colher de lata, molhada em água. A beirada do pote é cortada com uma faca. Feito isso, falta só alisar a superfície interna, serviço esse que pode ser feito depois de algum tempo, necessário para a secagem parcial. O alisamento interno é feito com sabugo de milho.” (WILLENS, 1947, p. 101-102)

O segundo momento de destaque entre o município e a produção cerâmica ocorreu em 1940 com o processo de urbanização da cidade. O êxodo rural provocou uma alta na demanda por tijolos para a construção das casas e comércios da zona urbana, de modo que as olarias passam a ter um lugar de importância na sociedade com a produção voltada para a construção civil.

As olarias também contribuíram para a construção da identidade cultural de Cunha em torno da prática cerâmica, tendo sido em muitos casos uma herança familiar, com a transmissão destes saberes e de sua estética, como ressaltou Cidraes:

“O tijolo burro, tijolinho, constitui a mais antiga “indústria” de Cunha. Uma produção totalmente manual, sem máquinas, sem edificações, uma relação estreita e impactante entre o homem e o solo. Possibilidade de o homem mais despossuído do lugar se tornar empresário pela relação entre a mão e a terra. Cerâmica na mais pura acepção da palavra. As olarias de tijolo são de uma beleza plástica surpreendente.” (MORAIS, 2016, p. 19)

Apesar de ter sido de grande importância para a identidade da cidade e para sua economia, sendo a forma de subsistência de muitos cidadãos, o empreendimento foi diminuindo de lugar, muito devido aos impactos ambientais que gerava com a retirada de grandes volumes de argila do solo, que provocavam o desmatamento da área utilizada juntamente com a queima dos tijolos, mas, sobretudo pela industrialização do processo, que diminuiu drasticamente a produção

artesanal. Estima-se que até 1980 havia cerca de cem olarias de tijolo localizadas em Cunha. (SILVA, 2011). Mesmo com a diminuição da produção artesanal e muitas vezes familiar das olarias de tijolos, esta atividade reitera a antiga relação entre a cidade e o barro, reforçando seu impacto cultural e sua relevância histórica e econômica para a cidade.

Na segunda metade do século XX, inaugurou-se uma nova relação entre o município e a cerâmica que permanecesse até hoje. Ela se deu devido à migração de um grupo de jovens ceramistas composto pelos brasileiros Vicente Cordeiro e seu irmão Antônio Cordeiro, pelos japoneses Mieko Ukeseki, Toshiyuki Ukeseki e Rubi Imanishi, e pelo português Alberto Cidraes, cujas produções são caracterizadas pela cerâmica de alta temperatura (entre 1100°-1400°C) e a experiência de queima em forno estilo noborigama². É importante ressaltar que este tipo de forno arcaico foi originado na China, passando pela Coreia e aperfeiçoado no Japão ao longo de 400 anos, e que foi trazido ao Brasil pelo jovem grupo em 1975 por meio da cidade de Cunha. (SOUZA, SANTOS e ROSA, 2001).

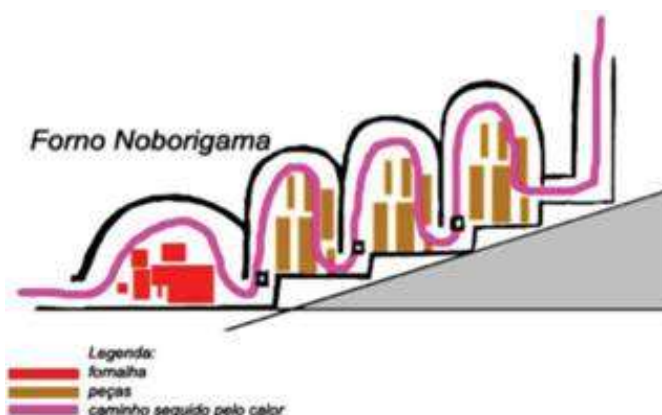


Figura 2 Desenho esquemático do forno Noborigama retirado de SILVA, 2011, p.62

A utilização do forno noborigama exige, assim como as queimas de cerâmica em um âmbito geral, um conhecimento técnico refinado, que advém principalmente da experiência. Mas este tipo de queima demanda um trabalho coletivo devido às suas longas horas de queima, podendo chegar a 40 horas, e que exigem o controle da temperatura através de seu abastecimento (SILVA, 2011). A atividade desenvolvida com o noborigama pelo grupo encontrou em Cunha um solo fértil para

² Noborigama é a junção das palavras NOBORU = rampa + KAMA = forno, a tradução literal da palavra, significando forno que sobe a rampa.

se desenvolver, graças à oferta de eucaliptos reflorestados, que tornaram a lenha (combustível das queimas) com valores mais acessíveis.

Segundo Silva (2011) existem algumas possíveis hipóteses que justificariam a escolha da cidade de Cunha pelo grupo como sede do ateliê, que poderia ser pela localização estratégica de Cunha, bem no meio do caminho entre São Paulo e Rio de Janeiro, dois importantes centros comerciais; por ser um espaço que atendesse às necessidades do empreendimento, onde houvesse um considerável espaço necessário para a instalação de um forno de grandes proporções como é o caso do noborigama, e que exige uma grande quantidade de lenha para manter seu funcionamento adequado; e pela proposta feita pelo prefeito de Cunha no período (setembro de 1975) José Abdias Zelão, que cedia o espaço do antigo matadouro municipal para que o grupo desenvolvesse o ateliê coletivo, tornando a cidade ainda mais atrativa para o empreendimento.

Vale pontuar que os laços de amizade do grupo antecederam sua fixação na cidade de Cunha. O ceramista e arquiteto Alberto Cidraes durante sua passagem pelo Japão promovida por uma bolsa de estudos de pós-graduação, vai despertar seu interesse pela prática de cerâmica, onde ele e a esposa vão conhecer Mieko e Toshiyuki, criando uma grande amizade que promoveu as bases do grupo Takê, um coletivo artístico anterior ao Grupo do Antigo Matadouro que se desenvolveu na Ilha de Itaparica, na Bahia. A vinda de Cidraes ao Brasil, com o término do curso no Japão vai ser decisiva para a consolidação do grupo, e em 1973 a dissolução do Takê e a mudança de Cidraes para São Paulo, vão dar início às buscas por um local para firmar o novo ateliê, que em 1975 daria origem ao Grupo do Antigo Matadouro. (MORAIS, 2011)

O Grupo do Antigo Matadouro tem sua formação original atuando em conjunto por aproximadamente sete meses, contudo a presença e a produção artística destes jovens em seus projetos pessoais influenciaram diretamente a produção cerâmica em Cunha, influenciando no seu destaque como referência nacional na produção de cerâmica artística de alta temperatura.

Da formação original que se instalou na cidade de Cunha em 1975 hoje vivem em Cunha Alberto Cidraes e Mieko Ukeseki, ambos se caracterizam como figuras consagradas na produção de cerâmica, e atuam ativamente nos dias de hoje em seus projetos pessoais, e em iniciativas que procuram incentivar nas novas gerações

o conhecimento da história e da prática de cerâmica, não só na cidade, mas numa perspectiva geral, visto que muitos ceramistas ao migrarem para a região, seja de outros pontos do Brasil ou de outros países, agregaram novos olhares, e novos saberes à prática, tornando Cunha uma referência na produção de cerâmica de alta temperatura e na produção de conhecimento deste assunto.

O desejo de passar adiante os saberes do noborigama e da cerâmica como um todo levou a criação do Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha (ICCC) em 2009, de modo que fosse construído um espaço dedicado à troca de saberes, fornecendo cursos aos jovens que se interessem pela cerâmica, renovando assim a tradição da cidade. O ICCC firmou outros projetos que reiteram o desejo de envolver a sociedade como um todo, lançando livros que levem adiante a história da cerâmica em Cunha, e realizando anualmente o Festival da Cerâmica na cidade, mobilizando turistas e moradores.



Figura 3- Duas das quatro câmaras do forno Noborigama do ateliê Jardineiro e Suenaga, localizado em Cunha desde 1985, e que realiza eventos de abertura de fornos para o público.

4. Metodologia

A pesquisa foi realizada a partir de um estudo de campo, organizado por meio de uma conversa prévia feita online no dia 06/03/2022 com uma das integrantes do coletivo-artístico e aluna do projeto desde o início, onde nos apresentamos e discutimos a possibilidade de realizar as rodas de conversa com os demais integrantes do grupo. Neste primeiro encontro virtual também houve um relato breve sobre a história da Cerâmica Vargem do Tanque, primeiro enquanto projeto

desenvolvido pelo Instituto Cultural de Cerâmica de Cunha (ICCC), e atualmente enquanto coletivo artístico com gestão independente.

Houve ainda, antes da visita de campo, mais uma conversa remota feita no dia 15/06/22, a fim de organizar a ordem das visitas e os integrantes que participariam das conversas. Dos 15 ceramistas que compõem a Cerâmica Vargem do Tanque, 14 contribuíram para a realização da pesquisa por meio das rodas de conversa, mostrando suas peças produzidas e permitindo o registro fotográfico destas para composição do artigo.

A pesquisa de campo foi feita a partir das rodas de conversa, tendo sido feitas ao todo sete rodas feitas entre os dias 08/07/22 e 09/07/22 que contaram com a presença dos integrantes e alguns familiares. Cada encontro ocorreu na residência dos integrantes, localizados em três bairros distintos: Vargem do Tanque, Sertãozinho e Campos Novos, todos localizados na zona rural de Cunha. A pesquisa de campo contou com entrevistas abertas pautadas de modo a fornecerem evidências que respondessem a quatro questões centrais: (i) o modo de contato inicial com a Cerâmica Vargem do Tanque; (ii) a existência ou não de contato e/ou conhecimento prévio com técnicas ceramistas; (iii) a existência ou não de apoio por parte da família na iniciativa do indivíduo; e (iv) surgimento de uma identidade coletiva pautada pelas atividades relacionadas à cerâmica.

As informações obtidas foram utilizadas na construção de um caderno de campo (BRANDÃO, 2007) e na composição de um acervo fotográfico (SÁ, 2022) composto por imagens das peças autorais de cada ceramista, além de imagens dos fornos onde são realizadas as queimas, a produção de argila e de uma queima que foi realizada em decorrência da visita.

5. Projeto Vargem do Tanque

5.1 História do Projeto:

O Projeto Cerâmica Vargem do Tanque teve seu início em 2017 por meio de uma iniciativa da empresa Suzano Papéis e Celulose, Fibria no período, e do Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha (ICCC) com o intuito de desenvolver um curso de cerâmica voltado para a população da zona rural.

A ideia inicial era implantar um projeto de ação social onde fossem ensinados aos moradores do bairro rural Vargem do Tanque que estivessem dispostos a

produção cerâmica de alta temperatura, técnica que consagrou Cunha como a capital nacional da cerâmica artística. O bairro da Vargem do Tanque foi escolhido para protagonizar o projeto devido à existência de uma plantação de eucaliptos pertencente à Suzano SA.

Esse modelo de produção levantou uma série de questionamentos principalmente em relação à adequação das técnicas e equipamentos para os estudantes da zona rural, uma vez que os materiais utilizados neste tipo de produção como esmaltes e o torno possuem um alto custo. Outra questão levantada foi a logística envolvida no uso do forno noborigama, que seria empregado no curso, que pode levar dias para concretizar a queima de peças, exigindo uma mão de obra disponível durante todo este período para garantir que o forno permaneça na temperatura necessária, além de matéria-prima, para garantir seu funcionamento da maneira adequada.

O escultor Luciano Almeida, na época professor do ICCC e hoje um dos coordenadores do Instituto, sugeriu um modelo de produção de cerâmica que remontasse a técnica utilizada pelas antigas paneleiras de Cunha. Além de ter tido contato com Dona Dita, a última panelreira, falecida em 2011, chegou a produzir escultura dela e um busto em sua homenagem (Figuras 4 e 5), que se encontra exposto na frente da Casa do Artesão³, local onde um dia existiu o Ateliê do Antigo Matadouro.

³ A Casa do Artesão é um estabelecimento que reúne e comercializa produtos de artesãos de Cunha, onde há inclusive uma parte destinada às peças da cerâmica Vargem do Tanque. A Casa fica localizada na frente do Parque Lavapés, e conta com peças artísticas e artesanais de cerca de 60 associados.



Figura 4



Figura 5

Figuras 4 e 5-Busto de Dona Dita, última paneleira de Cunha, falecida em 2011, produzido pelo escultor Luciano Almeida, com a arquitetura de Alberto Cidraes.

Luciano Almeida sugeriu à Suzano SA que fosse desenvolvido um projeto nesse sentido em Vargem do Tanque, que fizesse uso dessas técnicas que retratavam uma cerâmica primitiva no sentido de resgatar métodos e valores que existem desde o início da sociedade cunhense, lançando os moldes de um projeto que além de ensinar à população da zona rural os saberes da técnica de cerâmica, realizasse um resgate histórico-cultural dos saberes das antigas paneleiras, justificado também pela presença de uma antiga olaria que por anos esteve localizada no bairro da Vargem do Tanque.

Diante disso, todos os moradores do bairro foram reunidos com os representantes da empresa e do ICCC, e receberam a proposta do curso, que no início contava com 60 pessoas das quais 28 se formaram no final de 2017.

O projeto inicialmente era chamado São Roque que é o padroeiro da Vargem do Tanque e teve seu nome alterado devido à existência de outra empresa registrada com esse nome o que dificultava a localização do projeto em redes sociais. Contudo, ainda hoje o logo da Cerâmica Vargem do Tanque assim como assinatura de todas as peças produzidas levam as iniciais “SR” como forma de homenagear a identidade original do grupo (Figuras 6,7 e 8).



Figura 6- Assinatura
Marly

Figura 7- Assinatura
Lenice Borges

Figura 8- Assinatura
Marcela Ângelo

Apesar de todos os participantes não residirem na Vargem do Tanque, este acabou sendo adotado como o nome oficial por ter sido o bairro escolhido para o desenvolvimento do projeto, além de conferir originalidade ao nome da iniciativa.

Vários foram os desafios a serem superados ao longo do curso de formação básica: o horário das aulas que eram feitas à noite, a necessidade de praticar a

modelagem, o que exigia dedicar um momento do dia exclusivo para a prática em meio a rotinas movimentadas pela lida com o sítio, os testes de argila na busca pela localização de uma argila adequada para a prática, os deslocamentos, sobretudo para realização das queimas feitas no forno feito ICCC na sede da Vargem do Tanque, além das próprias dificuldades que envolviam o processo de queima. O Projeto teve também que alterar o local onde eram feitas as aulas, que originalmente ocorriam no pátio da Igreja São Roque, em Vargem do Tanque, e passaram a ocorrer na casa de um dos alunos, João Augusto, com a autorização de sua família, já que João no início do curso tinha apenas 14 anos. O envolvimento da turma e dos seus familiares foi fundamental para garantir o andamento e a conclusão do curso.

Ainda em agosto do mesmo ano, os alunos engajados decidiram realizar a primeira amostra do trabalho que vinha sendo desenvolvido com a cerâmica, e em conjunto com a comemoração do padroeiro do bairro, realizaram uma exposição, que contou com o apoio da comunidade e dos professores do ICCC, além de representantes da prefeitura de Cunha e da Suzano Papeis e Celulose. O sucesso fez com que em setembro fosse organizada uma exposição seguida da venda de peças na Casa do Artesão de Cunha.

No final de 2017 houve a entrega de certificados de conclusão do curso básico, tendo sido um evento de grande emoção, e sinônimo de muito orgulho para toda a comunidade, ali foram lançadas as sementes do coletivo, e a construção de uma identidade cultural pautada na experiência coletiva e na elaboração de saberes compartilhados, tudo isso por meio da cerâmica.

Em 2018, o curso adquiriu em caráter de formação intermediária, voltado para o aperfeiçoamento das técnicas aprendidas no ano anterior, bem como no aprofundamento desses conteúdos, a partir disso foram formados monitores que pudessem dar continuidade ao projeto e conduzirem com autonomia os ensinamentos de cerâmica para novos grupos. Oito alunos realizaram um curso de monitoria e com isso passaram a dar aulas para novas turmas no ano de 2019, sendo eles: Marcieli Natali, Gilda e a filha Laila, João Augusto, Eugênia e a filha Bruna, Eldina e Nicinha. Houve a divisão dos monitores em grupos que desenvolveram suas atividades entre os bairros da Vargem do Tanque, do Vidro e do Sertãozinho, expandindo os ensinamentos do Projeto. Os grupos atuaram em “núcleos”, que foram determinados em:

- **Núcleo um:** bairro da Vargem do Tanque, com monitoria de José Augusto e Nicinha;
- **Núcleo dois:** bairro do Vidro, com monitoria de Marcieli Natali, Gilda e Laila;
- **Núcleo três:** bairro de Sertãozinho, com monitoria de Eugênia, Bruno e Edilna.

Dos três núcleos somaram-se 45 alunos, que encantados pelo sucesso das turmas anteriores, foram atraídos para o mundo da cerâmica e decidiram embarcar no curso ocorrido em 2019, e ministrado pelos monitores formados no ano anterior, com o apoio do ICCC. As turmas formadas nos diferentes bairros aprenderam todas as etapas, desde a extração e tratamento da argila até as queimas em forno de barranco e no forno pré-colombiano, que serão abordados nos tópicos seguintes, e acabaram adquirindo características específicas em suas peças, que dialogam com a produção de seus monitores.

A partir disso o Projeto em 2020, já sem o financiamento inicial, adquiriu um caráter autônomo, fundamentando o coletivo artístico Cerâmica Vargem do Tanque, que atua hoje com quinze ceramistas colaboradores, os quais somam alunos que

ingressaram no início do Projeto e que atuaram na sua construção, e os alunos formados nas turmas de 2019 e 2020, que realizaram as aulas de formação básica e hoje compõem o coletivo artístico.

Entrega e comprometimento, além de qualidade nas peças, são os lemas de todos os participantes que atuam no coletivo constituído hoje por Marcieli Natali, Gilda, Laila, Eugênia e Bruna, da primeira turma; Lenice, Lúcia, Maria Aparecida, Marcela, Dalva, Rosana, Marli e Messias, formados na segunda turma; e Anielly e Liliam, que aprenderam o ofício da cerâmica acompanhando a família, e foram desenvolvendo suas peças autorais.

Há também Benedita, ainda em processo de formação, que, ao observar o irmão Messias e a cunhada Marli em suas produções, começou a praticar a modelagem e já possui peças autorais.

Todos os participantes do coletivo artístico procuram manter a produtividade em meio às diversas atividades que desempenham cotidianamente, seja no cuidado da casa e da família, seja na manutenção do sítio, sempre encontrando uma maneira de encaixar a cerâmica em suas rotinas, e dizem não conseguir se imaginarem sem ela.

5.2 A Cerâmica Vargem do Tanque

A história do Projeto e do Coletivo vão se misturar em diversos momentos, sendo um resultado do outro, portanto explicar as características do trabalho desenvolvido pelo grupo trata-se de falar do trabalho desenvolvido ao longo do Projeto. Portanto, decidi trabalhar a construção identitária do grupo por meio da cerâmica desenvolvida por eles, mesclando o trabalho realizado em seus dois períodos (de Projeto e de Coletivo), dividindo-o nos tópicos: Argila, Modelagem, Queima e Comunidade, registrando a narrativa do grupo a partir de sua matéria prima, passando pelas etapas da produção de cerâmica e encerrando no papel social que a cerâmica e o grupo vão desempenhar na comunidade.

5.3 Argila

Muitas etapas envolvem a produção de argila, e esta é sem dúvida uma etapa fundamental para uma boa produção em cerâmica. Percorrer longas distâncias em busca da terra ideal para cada tipo de produção torna necessário saber diferenciá-la dos outros tipos impróprios e ter um espaço para o tratamento desta terra. Outra

preocupação é garantir a preservação deste solo, respeitando as matas ciliares dos sítios e não retirando a argila do fundo dos rios, esta relação entre cerâmica e a natureza, com produções sustentáveis abrange todos os membros do coletivo artístico da Vargem do Tanque, assim como os demais ceramistas de Cunha. Há uma consciência coletiva de que somente o necessário será coletado da terra, sempre respeitando suas necessidades.

Após a etapa de reconhecer a argila adequada e separá-la das demais há ainda que carregá-la para o local de tratamento, tarefa esta que não é simples devido ao peso do barro, por isso nessa etapa a ajuda da família é muito importante, uma vez que algumas integrantes ressaltaram a ajuda dos companheiros no processo de deslocamento. Uma vez coletada, a argila recebe água e ambas devem se transformar em uma mistura homogênea, sendo este um trabalho artesanal e que demanda tempo.

Pode ainda haver a mistura de argilas com diferentes propriedades, que permitem criar uma “argila ideal” de acordo com as necessidades de cada ceramista. Há argilas mais plásticas e outras menos plásticas e mais resistentes a rachaduras e trincos fazendo com a mistura de ambas leve à produção de uma matéria prima que atenda a todas as necessidades no momento da modelagem e da queima. As antigas paneleiras como coloca SILVA, 2011 entendiam esta argila muito plástica e pouco resistente como “barro ruim”, e procuravam jazidas de argila que satisfizessem suas demandas. Foi-se entendendo que as propriedades das argilas encontradas poderiam ser melhoradas retirando-se impurezas e acrescentando elementos potencializadores.

Toda esta mistura passa por um processo de coagem que visa retirar as impurezas e por fim é encaminhada para a secagem. Há ainda mais uma habilidade que constitui a tarefa de extrair e beneficiar a própria argila: conhecer outros materiais que possam melhorar os resultados da produção, como por exemplo, a bentonita. Estes conhecimentos foram transmitidos aos integrantes ao longo de sua formação no curso desenvolvido pelo ICCC, bem como pela comunidade de ceramistas que se inspiraram pelo trabalho desenvolvido e compartilharam técnicas e outros saberes que pudessem enriquecer ainda mais a produção da Cerâmica Vargem do Tanque.

O processo de secagem leva dias e necessita que a argila decantada seja constantemente misturada ao restante da massa de modo que ela seque de maneira homogênea, tarefa esta que deve ser executada pelo menos uma vez ao dia, até que a massa atinja o ponto ideal para modelagem, é importante também nesta etapa a remoção da matéria orgânica que compõe a argila, uma vez que ela pode interferir nos resultados, provocando bolhas e rachaduras nas peças (SILVA, 2011). Uma vez que tenha adquirido o ponto necessário para o manuseio, a argila passará por um processo de sova e depois será embalada para que possa ser utilizada em produções futuras. Quase a totalidade das produções da Vargem do Tanque utiliza argila de própria autoria, o que corrobora o caráter sustentável da produção do coletivo.

Vale ressaltar que o Projeto foi o contato inicial de muitos participantes com o universo da cerâmica (Vargem do Tanque, 2022), e ele permitiu que os participantes reconhecessem o valor desse material e passassem a procurá-lo em seus próprios sítios, garantindo uma autonomia de matéria prima. Muitos foram os testes para que cada um pudesse alcançar a “argila ideal” para cada artefato produzido, e hoje falam com muito orgulho da qualidade da argila da Vargem do Tanque, como uma conquista do coletivo que vai além das peças produzidas em si.



Figura 9- Argila recém-extraída da terra. / A mesma argila já umedecida.



Figura 10- Argila em processo de “secagem”

5.4 Modelagem

O passo seguinte à produção da matéria prima é a modelagem, ou seja, todo processo que constitui a confecção das peças, para isso é fundamental aprender a reconhecer os limites da argila, levando em consideração seus aspectos citados no tópico anterior, para assim conseguir obter os melhores resultados dela. Saber como a argila reage a cada etapa da produção evita rachaduras e até mesmo a perda total de peças no final da produção. O aperfeiçoamento da modelagem por meio das aulas permitiu aos integrantes reconhecer os comportamentos de suas argilas, e a liberdade de criação possibilitou cada um escolher aquilo que mais gosta de produzir. Tornando cada integrante especialista em um determinado tipo de peça. (BERNARDES, 2022)

A prática gerou um cuidado especial à espessura das peças, que não podem ser grossas nem finas demais, para que não rachem durante o acabamento e/ou o processo de queima. Há ainda o desenvolvimento e a adaptação de diferentes utensílios para serem utilizados como ferramentas de acabamento na modelagem, que vão além das utilizadas originalmente pelas paneleiras.

Depois de alcançarem o ponto de couro, momento em que a argila perdeu parte de sua umidade e adquiriu maior rigidez, as podem ser manipuladas com mais facilidade e sem tanta deformação, elas passam pelo polimento que vai impermeabilizá-las e garantir a sua funcionalidade. No início o polimento era feito com colheres adaptadas, passando para pedras de cachoeira que são lisas e ideais para a atividade. Depois passaram a utilizar as pedras de quartzo introduzidas pela ceramista Amanda Magrini. O polimento é uma etapa de extrema importância, porque garante a utilização das peças, e dá o acabamento à produção, sendo um processo demorado e que demanda o cuidado devido à fragilidade da peça.

5.5 Queima

O momento da queima na produção de cerâmica é fundamental por diversos motivos, pois além de envolver conhecimento técnico e exigir certa experiência prática dos ceramistas, possui dimensões históricas e espirituais que transcendem a cerâmica. O domínio do fogo para confecção de peças a partir do barro foi uma etapa muito importante para o homem, e ainda hoje muitas culturas recebem esse momento com solenidade, possuindo rituais e ofertando materiais nos momentos da

queima. Toda essa dimensão confere ao forno cerâmico certo misticismo, tornando o momento das queimas ainda mais especiais. (SILVA, 2017) Não à toa, alguns ateliês em Cunha tornaram a abertura de fornadas momentos celebrativos e turísticos.

Apesar de todo o caráter especial, o caminho para dominar a técnica pode ser trabalhoso e exigir uma prática insistente até que se obtenham os resultados desejados. As queimas da Vargem do Tanque são caracterizadas pela baixa temperatura, ou seja, queimas que atingem no máximo 900°C e não utilizam de esmalte. Eram feitas no início num forno coletivo feito pelos professores do ICCC e pelos alunos, um forno rústico feito de tijolos em estilo anagama⁴, e por estar em um local específico do bairro demandava a organização da produção para que no dia e no horário em que a queima fosse feita o participante tivesse a peça pronta.

Além das dificuldades técnicas que a queima naturalmente envolve, havia também o desafio de transportar as peças até o local do forno, seguindo em estradas de terra e carregando peças frágeis por estarem extremamente secas, de modo que qualquer batida poderia ser fatal para a peça.

A adoção do forno de origem pré-colombiana (Figura 12) veio com a visita da ceramista Adriana Martinez que trabalha com cerâmica rústica e produção que remonta aos povos originários, que ao ensinar os participantes a produzirem seus próprios fornos no quintal de casa e a utilizá-los, provocou uma “revolução” no Projeto, uma vez que dinamizou a queima, tornando o processo mais acessível e dando maior autonomia a cada integrante.

Hoje existe cerca de uma dezena de fornos em estilo pré-colombiano na comunidade, levando em consideração que este é um forno também feito de tijolos e revestido de barro, o que garante certo isolamento térmico. No fundo, onde as peças ficam são colocados cacos de telha e outros pedaços de cerâmica já queimada, o que dá uma maior proteção às peças, evitando o contato direto delas com o fogo, além de auxiliar no controle da temperatura interna. (SILVA, 2017)

⁴ O forno anagama possui, assim como o noborigama, uma origem oriental, no entanto utiliza somente uma câmara para queima das peças.



Figura 11-Forno de barranco



Figura 12- Forno pré-colombiano

Durante o processo é necessária uma constante vigília, com o reabastecimento e o controle das brasas. As queimas feitas anteriormente no forno coletivo levavam em média 32 horas, que com a utilização do forno de barranco já haviam sido reduzidas. O forno de barranco (Figura 11) trata-se de um dos fornos mais utilizados por comunidades tradicionais, e era utilizado pelas antigas paneleiras de Cunha. Contudo, por ser construído na terra, sofre interferência direta do ambiente devido a sua exposição, de modo que a umidade do solo influi no tempo de queima e nas características das peças. O forno pré-colombiano foi capaz de reduzir ainda mais o tempo das queimas, totalizando cinco horas, além de sua impermeabilidade, suas pequenas dimensões vão torná-lo bastante atraente e mais fácil de lidar que os demais tipos experimentados pelos integrantes. É importante ressaltar que o forno de barranco embora não seja o mais utilizado nas produções da Cerâmica Vargem Tanque, ocupa um espaço bastante especial na história do coletivo devido ao saber tradicional que suscita, portanto, seus conhecimentos estão presentes entre os integrantes do coletivo.



Figura 13- Forno sendo abastecido durante a queima



Figura 14- Peças durante a queima

Ao final das queimas, as peças são retiradas quando frias do forno, são limpas e finalizadas com impermeabilização feita a partir de um composto a base cera de abelha, uma técnica que foi criada pelo grupo a partir dos ensinamentos de Adriana Martinez. Com essa impermeabilização as peças tornam-se utilitárias mesmo que não sejam esmaltadas⁵.

5.6 A Comunidade

A Cerâmica Vargem do Tanque para além da própria comunidade dos bairros integrantes foi capaz de mobilizar diversas pessoas que atuam direta ou indiretamente com cerâmica, e que atuaram no ensino de diversas técnicas fundamentais, compartilhando saberes na produção de cerâmica, seja na queima, na arte com engobe, nos métodos de modelagem de peças, nos acabamentos e na construção do forno, que ajudaram a consolidar o coletivo, dando confiança aos seus integrantes para que através do domínio das técnicas ancestrais das antigas paneleiras pudessem produzir resultados novos, com saberes agregados, lançando voos cada vez maiores. Uma das metas do curso de formação encabeçado pelos profissionais do ICCC era transmitir o conhecimento básico para todos os

⁵ Na cerâmica de alta temperatura (1100°C - 1400°C) o esmalte é utilizado como forma de impermeabilização, sobretudo nas cerâmicas utilitárias.

integrantes do grupo, de modo que cada um pudesse reelaborar estes conhecimentos, e atuar com autonomia dentro da prática de cerâmica.

A cerâmica ao longo de todo este processo foi de extrema relevância para o desenvolvimento pessoal de cada participante, e para o envolvimento destes indivíduos com a comunidade, criando laços de identidade distintos. Houve ao longo do processo o desenvolvimento de amizades entre os membros do grupo, que projetam na figura das paneleiras com seus saberes artesanais uma característica da comunidade que possui valor e que merece destaque.

Vale ressaltar de forma mais direta os muitos ceramistas que contribuíram de maneira ativa na consolidação identitária da Cerâmica Vargem do Tanque. Alguns deles mapeados ao longo da pesquisa foram: Luciano Almeida, Alberto Cidraes, Fátima Terra, Flavia Santoro, Nilvanda Rodrigues, Amanda Magrini, Adriana Martinez e Luciane Yukie Sakurada. Seus ensinamentos e apoio colocaram-se como fundamentais para o desenvolvimento do Projeto, e para a construção da Cerâmica Vargem do Tanque como um coletivo-artístico com autonomia de criação e expressão. Estes laços permanecem até hoje na forma de parcerias.

5.7 Desdobramentos

A Cerâmica Vargem do Tanque foi capaz de aumentar os horizontes da comunidade que vão além da produção de cerâmica em si. Há ainda o grande interesse em consolidar um roteiro de turismo rural, como forma de valorizar as vivências da Vargem do Tanque e seus bairros vizinhos; a história do Projeto; e a atuação do grupo para além dos horizontes de Cunha, e como a vida no meio rural influencia diretamente nas produções de cerâmica.

Todos os ceramistas que hoje constituem o coletivo da Vargem do Tanque possuem os próprios ateliês que abrigam suas peças, construídos pelos próprios integrantes e localizados em suas residências.

Atualmente promovem cursos relacionados à produção de argila, pautados na originalidade e na sustentabilidade da produção da Vargem do Tanque, e de todo o trabalho desenvolvido ao longo destes cinco anos. Dentro da atividade cerâmica encontram tempo para produzir uma quantidade de peças que seja capaz de abastecer os pontos de vendas espalhados por Cunha. Além de participarem de diversos eventos, dentro e fora da região, e das encomendas que recebem. Estas

quando são em um número muito grande acabam mobilizando todos os membros, a fim de viabilizar a entrega e as demais demandas do grupo. O grupo foi um dos vencedores do 7º Prêmio Objeto Brasileiro, na categoria de Ação Socioambiental, além de comporem o mapa de artesãos da iniciativa Artesol⁶.

6. Considerações finais

Neste artigo abordou-se a história da cerâmica em Cunha e como esta teve um papel fundamental na formação da identidade do coletivo artístico Cerâmica Vargem do Tanque.

Com base nos dados colhidos durante a pesquisa de campo, foi possível perceber que a maior parte dos participantes teve seu primeiro contato com a cerâmica justamente a partir do Projeto criado por meio da parceria entre o ICCC e a Suzano S.A.

Em todos os casos pesquisados, houve um envolvimento também da família do participante do Projeto na produção de cerâmica, seja no momento da aquisição e transporte da argila ou na confecção das peças propriamente dita.

Isso possibilitou o fortalecimento dos laços comunitários, do desenvolvimento de uma identidade coletiva pautada pela figura histórica das paneleiras, a valorização dos saberes representados por estas e o florescer de novos saberes ressignificados no contexto da cerâmica em Cunha.

Trabalhos futuros poderiam envolver a ampliação do escopo das questões utilizadas para nortear a pesquisa, podendo incluir, por exemplo, uma busca pelas motivações temáticas por trás das peças.

Além disso, um outro possível caminho é aprofundar a pesquisa em torno do que representa,

⁶ A Artesol atua organizando e promovendo uma rede de apoio entre os artesãos brasileiros, fomentando um desenvolvimento sustentável e buscando dar visibilidade aos seus trabalhos de centenas de artesãos por todo o território brasileiro.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, M. **Dossiê Grupo Cerâmica Vargem do Tanque: Processos comunitários de aprendizagem e o fortalecimento do sentido da justiça epistemológica**. Cunha. 2022.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia , 2007.

MORAIS, L. G. D. **portugalbrasiljapao triangulações. portugalbrasiljapao triangulações**, 2011. Disponível em: <<https://portugalbrasiljapao.wordpress.com/>>. Acesso em: agosto 2022.

MORAIS, L. G. P. D. **Cerâmica em Cunha: 40 anos do forno noborigama no Brasil**. Cunha: OM, 2016.

SÁ, M. A. F. D. **Arte Santeira: barro e madeira no imaginário, na devoção e no trabalho do povo**. São Paulo: Pluralidades, 2022.

SILVA, K. J. D. Caminhos da cerâmica em Cunha: paneleiras, olarias e ateliês, elementos importantes na formação do histórico ceramista da cidade. **Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes**, São Paulo, 2011.

SILVA, K. J. D. Ateliê do Antigo Matadouro: a gênese de uma cultura ceramista. **Revista Gama**, 2015. 20-26.

SILVA, K. J. D. A construção de fornos de baixo custo para queimas cerâmicas em alta temperatura: um percurso alternativo possível. **Tese de Doutorado, Universidade Estadual de São Paulo, Instituto de Artes** , São Paulo, 2017.

SOUZA, F. D. S. R. D.; SANTOS, D. O. A. D.; ROSA, A. S. Barro e fogo, a arte da cerâmica em cunha. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Campo Grande, 2001.

VARGEM do Tanque. Produção: Flavia Pircher. [S.l.]: Cerâmica em Casa. janeiro 2022.

VELOSO, J. J. D. O. **Prefeitura Municipal de Cunha- Estância Climática**, 2017. Disponível em: <<https://www.cunha.sp.gov.br/a-cidade/historia/>>. Acesso em: maio 2022.

WILLENS, E. **Cunha, Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, S. Paulo, 1947.

APÊNDICE

CERAMISTA	OBRAS
Aniely do Prado Ângelo	
Dalva do Prado Soares	
Marcela Ângelo	

Maria Prado	
Eugênia Aparecida de Souza Vieira	
Bruna Letícia de Souza Vieira	
Liliam de Carvalho Alves	

Marceli Natali de Siqueira
Aparecido



Gilda Ângelo



Laila Santos



Lenice Borges



Lúcia Rojas



Marli Fonseca



Messias Maurício



Benedita

